

SONDAGEM DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS HIPÓTESES DE ESCRITA

Regina Ferreira Terra Rodrigues
Aluna do 5^a A do Curso de Pedagogia da FALS.
Orientação: Prof^a Ms. Eliane A. Bacocina

Cabe a este trabalho analisar, por meio de pesquisa, a contribuição de Emilia Ferreiro para o processo de alfabetização, contribuição essa que muda a forma de ver a criança e o professor no processo de aquisição de linguagem escrita da língua materna.

Observando a maneira como a criança processa as hipóteses de escrita, a finalidade da sondagem e como fazer, pretende este trabalho trazer a reflexão ao processo ensino aprendizagem e como o professor sendo um facilitador do aprendizado pode auxiliar seus alunos rumo ao desenvolvimento cognitivo.

Elaborei este trabalho com base em pesquisa a vários livros e auxílio do material trabalhado em sala de aula nas disciplinas de Psicologia e Metodologia da Alfabetização.

1. BREVE RELATO HISTÓRICO

Analisando a história da educação, vemos que a criança era vista como uma tábula rasa, um recipiente vazio pronto para ser preenchido por conhecimento do qual o professor era o detentor, assim o fracasso escolar ficava de inteira responsabilidade do aluno, e várias explicações eram dadas.

Esta visão está presente nas tão famosas cartilhas, pois acreditava que o aluno por assimilação de $B+A = BA$, $B+E = BE$ e assim por diante, terá um “estalo” e seguirá adiante no aprendizado vendo no aluno um poço no qual vamos acumulando conteúdos como Paulo Freire dizia uma “educação bancária”.

Este processo de aprendizagem ocorria por meio de cópias, memorização, ditado, investindo numa decodificação da escrita e não sua compreensão, e o professor detentor de

todo o “conhecimento” na realidade não compreendia as causas das dificuldades ou o próprio processo de aquisição de escrita do aluno.

Uma nova visão com relação ao desenvolvimento na alfabetização faz com que o sistema centrado no professor mude seu rumo, passando a perceber a criança como um ser em constante formação e que carrega com sigo certo conhecimento de mundo.

Esta nova visão surge com Emilia Ferreiro, que nasceu na Argentina em 1936, doutorou-se na Universidade de Genebra tendo como orientador Jean Piaget, com base na epistemologia genética focou seus estudos na aquisição escrita, executando uma série de experimentos com crianças na Universidade de Buenos Aires, levando a publicação de sua obra em conjunto com Ana Teberosky em 1979 o livro “Psicogênese da Língua Escrita”.

Ana Teberosky é Doutora em psicologia pela Universidade de Barcelona, onde atua no departamento de Psicologia Evolutiva e Educação.

No Brasil, por volta de 1980 quando a ditadura começa a enfraquecer, em 1982 ocorre o seu fim, que a educação começa a mudar seu rumo em nosso país, questões como problemas sociais surge fortemente no quadro nacional, assim a educação não fica de fora, pois no período da ditadura a esta era questão de segurança nacional. Com a publicação do livro “Psicogênese da Língua escrita” no Brasil, ferve a discussão em torno do construtivismo, procurando deixar que o sujeito por meio de hipóteses crie seu próprio conhecimento.

Assim vamos observar que todo o ensino de uma língua se transforma, a concepção de aluno e de professor torna-se diferente, assim consecutivamente a didática torna-se outra.

Porém no quadro real da educação, onde as coisas realmente acontecem, vamos observar que essa mudança de metodologia ocorreu bruscamente e sem o preparo dos professores atuantes em salas de aulas, gerando um grande engano e muitos professores se ausentando de intervenções pedagógicas, por entenderem que a criança aprenderia por meios próprios.

É preciso ter claro também que as propostas didáticas difundidas a partir de 1985, ao enfatizar o papel da ação e reflexão do aluno no processo de alfabetização, não sugerem (como parece ter sido entendido por alguns) uma abordagem espontaneísta da alfabetização escolar; ao contrário, o conhecimento dos caminhos percorridos pelo aluno favorece a intervenção

pedagógica e não a omissão, pois permite ao professor ajustar a informação oferecida às condições de interpretação em cada momento do processo. Permite também considerar os erros cometidos pelo aluno como pistas para guiar sua prática, para torná-la menos genérica e mais eficaz. (PCNs de Língua Portuguesa, 2007, p.28).

2. AQUISIÇÃO DA ESCRITA

A alfabetização, considerada em seu sentido restrito de aquisição da escrita alfabética, ocorre dentro de um processo mais amplo de aprendizagem da Língua Portuguesa. Esse enfoque coloca necessariamente um novo papel para o professor das séries iniciais: o de professor de Língua Portuguesa. (PCNs de Língua Portuguesa, 2007, p.28).

A teoria piagetiana colabora nos estudos de aquisição de língua escrita, pois esta não se resume apenas em organizar em níveis, trata-se de compreender como o indivíduo consegue passar de um conhecimento simples a um mais complexo.

Em seus estudos de observação e questionamento, Emilia Ferreiro mostra que a criança tem um papel atuante no aprendizado, passando constantemente por um processo de assimilação e acomodação, assim é interessante saber o que a criança pensa sobre a escrita, qual a sua função? Por que aprender a escrever e ler? Partido de suas necessidades o conhecimento.

... uma situação experimental estruturada, porém, flexível, que nos permitisse ir descobrindo as hipóteses que a criança põe em jogo na raiz de cada uma das tarefas propostas. Seguindo os delineamentos da psicologia genética, todas as tarefas supunham uma interação entre o sujeito e o objeto de conhecimento (neste caso, a escrita) sob a forma de uma situação a ser resolvida. (Ferreiro, 1996, p.37).

Por meio de perguntas individuais “método de indagação” as crianças eram questionadas e estimuladas a escrever e a ler, o processo ocorria da seguinte maneira, os materiais utilizados foram cartões com letras e números isolados ou em conjunto de letras variadas, letras e números, números variados e conjuntos de imagens com textos.

Nas atividades propostas as crianças deveriam separar em dois grupos os que poderiam ser lidos e os que não poderiam ser lidos. Nas imagens com texto elas eram questionadas sobre o que se tratava os cartões. Ditavam-se palavras de interesse da criança

como animais, brinquedos, doces, entre outros, após a escrita era solicitada para a criança ler indicando com o dedo a leitura. Pediam que as crianças escrevessem o próprio nome, dos familiares, frases desconhecidas pelas crianças e desenhos e escritas numa mesma atividade.

Essas atividades ocorreram durante um ano, onde as crianças eram observadas em varias ocasiões, foi montado um grupo com 30 crianças de baixa renda, filhos de pais operários, a pesquisa terminou com um total de 28 crianças das 30 iniciais, eram 17 meninos e 13 meninas, com idade média de 5 a 11 anos no inicio da pesquisa, e este material foi publicado na obra aqui já citada “Psicogênese da língua escrita”.

Foi observado que a criança cria hipóteses sendo elas assim denominadas: “Hipótese de quantidade mínima de letras” e “Hipótese de variedade de caracteres”.

Na “Hipótese de quantidade mínima de letras” a criança separava os cartões conforme a quantidade de letras existentes nelas, com três ou mais letras poderia ser lidos as demais não.

Já na “Hipótese de variedade de caracteres” as crianças classificavam quanto à variação de letras, pois se essas fossem repetidas não poderiam ser lidas, uma prova da ineficiência da cartilha com seus textos de sílabas repetidas.

A criança enfrenta outra dificuldade neste processo que vem a ser o grafismo da língua, seus acentos e pontuações. As crianças começam a dominar a escrita pelo próprio nome, assim no inicio vamos observar que domina algumas letras as vezes duas, a primeira e a ultima letra que constam em seu nome, e essas letras possuem “donos” torna-se a letra “M” de Mamãe, “F” de Fábio, entre outros, podemos denominar esse como o 1º nível do conhecimento das letras.

No 2º nível passa a reconhecer algumas vogais, mas ainda assim essas letras e sílabas continuam a ter donos, como “Fá” de Fábio.

Ao chegar no 3º Nível passa a dominar as vogais e algumas consoantes, no 4º nível domina todas as letras do alfabeto, algumas crianças são capazes de indicar o valor sonoro delas. Esses 4 níveis foram os do conhecimento das letras.

A evolução da escrita também é classificada em níveis da seguinte maneira:

- 1º nível: escrita indiferenciada - , neste nível ao escrever não faz distinção entre som e letra e diferença entre a grafia de uma para outra palavra, utilizam dos traços para representar o objeto, podemos dizer ser uma imitação da escrita do adulto.
- 2º nível: diferenciação da escrita - assim ela começa a demonstrar diferenciação no seu grafismo, porém continua com a hipótese do número mínimo de letras, usa ao máximo a combinação de letras por ela conhecida.
- 3º nível: hipótese silábica - cada letra ira representar uma sílaba, é a junção do oral com a escrita, ao escrever uma palavra monossílaba entra em conflito e acaba por acrescentar letras a mais.
- 4º nível: hipótese silábico-alfabética - ora escreve sílabas e esquece-se de outras deixando somente uma letra na construção das palavras, neste caso pode escrever a palavra macaco da seguinte maneira: “macco”.
- 5º nível: hipótese alfabética - a criança produz a escrita com falhas de ortografia, porém já domina o alfabeto e o sistema de escrita com pequenas falhas.

Podemos assim resumir as hipóteses da seguinte maneira:

Fase da Garatuja com traços indistintos procurando representar a escrita do adulto.

No pré-silábico existe a reprodução de algumas letras, normalmente do próprio nome, relaciona a escrita com o tamanho do objeto, como exemplo para formiga utilizaria poucas letras por ser um animal pequeno.

Quando do silábico a criança percebe que podemos reproduzir a fala pela escrita e estrutura a escrita em sílabas, distinguimo-las em silábico com valor e sem valor sonoro temos como exemplo de com valor sonoro a palavra pipoca que pode ser escrita assim *ioa*, ou sem valor em que pipoca seria grafada assim *gva*, mantém-se a hipótese de sílaba, porém a relação fala e escrita não está formada concretamente.

Já no silábico alfabético algumas letras são deixadas de fora da escrita pode escrever gato desta maneira *gto*.

Enquanto que no Alfabético os erros são de ortografia, como a palavra cachorro escrita *cachoro*.

3. COMO FAZER UMA SONDAGEM?

A finalidade da sondagem é o professor saber o que a criança já sabe e o que ela ainda não aprendeu, podendo assim planejar suas aulas de acordo com as necessidades de seus alunos.

Para realizar uma sondagem é necessário utilizar palavras do mesmo campo semântico da seguinte maneira: uma palavra polissílaba, uma trissílaba, uma dissílaba e uma monossílaba, após as palavras devem ser feita uma frase com uma das palavras ditadas para comparar se houve uma permanência da escrita anterior.

Vamos exemplificar utilizando o campo semântico Higiene

Polissílaba: SABONETE

Trissílaba: ESCOVA

Dissílaba: TALCO

Monossílaba: GEL

Frase: TOMO BANHO COM SABONETE.

Existem outras formas de fazer a sondagem utilizada como por meio de uma imagem, onde o aluno deve escrever os nomes dos objetos indicados, ou relatar todos os objetos contidos na imagem, no caso de alunos na hipótese alfabética pode ser utilizado a reescrita de um texto lido pelo professor.

O professor deve pedir para que a criança faça a leitura do que foi escrito, para poder perceber como a criança estruturou suas hipóteses, no caso dos silábicos alfabéticos e alfabéticos não existe essa necessidade caso o professor compreenda o escrito.

4. PROPOSTA DE SONDAGEM

Para realizar a sondagem deixei as crianças à vontade para escolher o campo semântico a ser trabalhado, dei opções para eles entre brinquedos, doces festas, animais, escola, tem na sala, no quarto, na cozinha, entre outros.

Quando feita a escolha do campo semântico, ditei as palavras seguindo a ordem de polissílabo, trissílabo, dissílabo e monossílabo, após a escrita dessas quatro palavras ditei uma frase com uma das palavras já ditadas incluída nela.

Pelo fato de ter dois Lucas nas sondagens realizadas vamos determinar sendo um o Lucas e o outro Lucas T.

Lucas T. escolheu o campo semântico de animais, as palavras ditadas foram: mariposa, esquilo, onça e rã, sendo a frase a seguinte: A onça foi beber água na lagoa.

Lucas escolheu animais também e suas palavras foram: dinossauro, formiga, tigre e rã. Sua frase a seguinte: Eu tenho medo de rã.

Beatriz escolheu o campo semântico dos doces e estas foram suas palavras: brigadeiro, geleia, pudim e bis. Com a seguinte frase: Eu gosto de comer pudim.

Pedro escolheu brinquedos sendo estas as palavras: escorregador, boneca, bola e pá. Sua frase: Eu gosto de brincar na praia com minha pá.

Felipe escolheu brinquedos suas palavras foram essas: escorregador, boneco, bola e pá. Sua frase: Gosto de brincar com minha pá.

5. SONDAGEM REALIZADA

Lucas T. – 7 anos.

LUCAS - 7 ANOS
MARIPOSA
ESQUILO
ONÇA
RAN
- " -
A ONÇA FOI BEBER ÁGUA NA LAGOA

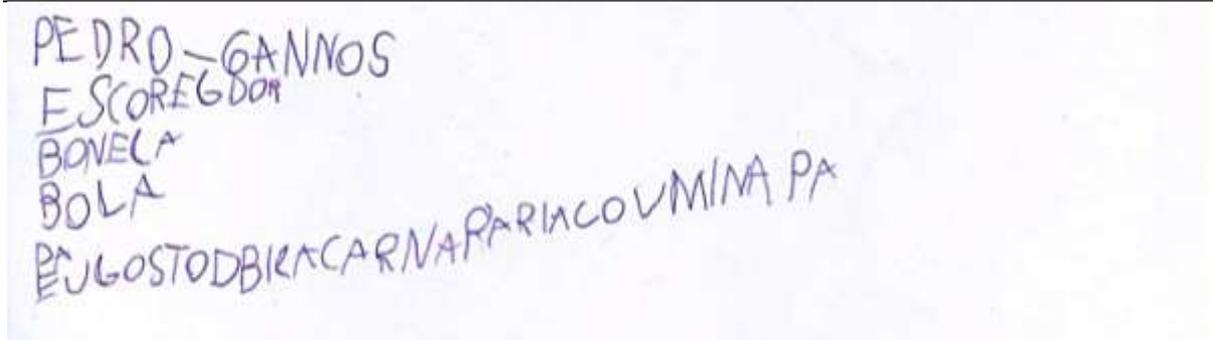
Lucas – 7 anos.

LUCAS 7 ANO
DINOSAURO
FORMIGA
TIGRE
RAN
EU TENHO MEDO DE RAN

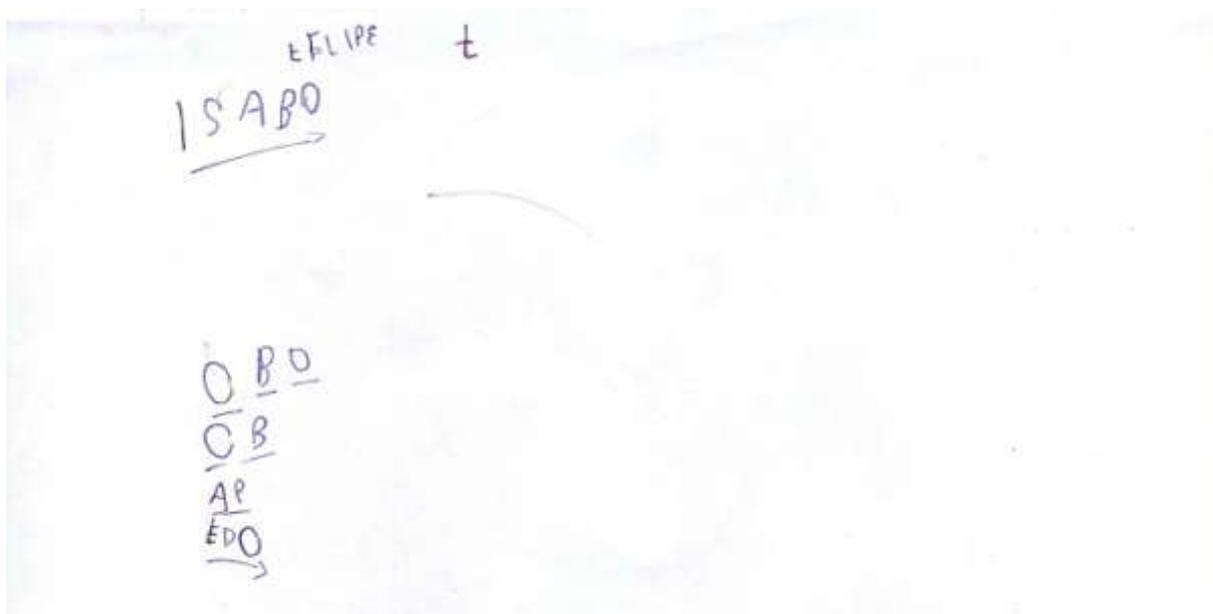
Beatriz – 8 anos.

BEATRIZ 8 ANOS
BIGDO
GALEIA
PUDIM
BOLAZ
E LONHOTO PUDIM

Pedro – 6 anos.



Felipe – 7 anos.



6. ANÁLISE DA SONDAGEM

Podemos observar que as duas primeiras crianças o Lucas T. e o Lucas, se encontram no 5º nível na hipótese alfabética, apresentaram erros de ortografia, não apresentaram dificuldade em fazer a sondagem, com estes alunos é uma questão de treino,

leitura e visualização e trabalho morfológico, para uma memorização e compreensão da grafia das palavras.

A menina Beatriz, se sentiu um pouco envergonhada e alegava não saber escrever, procurei estimular sua escrita com palavras de incentivo, e afirmando a ela que não existia nem certo nem errado, podendo escrever da forma que sabia. Ela se encontra no 4^a nível o da hipótese silábico alfabético, sentia a necessidade de pronunciar varias vezes a mesma palavra e observar a articulação da boca, podemos observar que na palavra brigadeiro ela escreveu BI G D O, porém na palavra bis ela entrou em desequilíbrio, pois não compreendia como escrever uma palavra com apenas uma silaba, prevaleceu aqui a hipótese da quantidade mínima de letras e a hipótese de variedade de caracteres.

O Pedro também se encontra no 4^o nível da hipótese silábico alfabético, a necessidade de pronunciar varias vezes a palavra e perceber as sílabas para escrever, porém ao comparar a sondagem dele com a da Beatriz vamos observar que suas hipóteses de escrita estão próximo da passagem para a hipótese alfabética, sua construção é mais solida que a da Beatriz.

No caso do Felipe está na hipótese silábica, já percebeu a semelhança entre as sílabas e a fala, variam as letras para fazer a palavra, porém na frase não manteve essa mesma hipótese. Acredito que esse fato ocorreu pelo desinteresse da criança ao chegar na frase.

As crianças com as quais fiz a sondagem três delas são de classe de baixa renda e duas de classe média. O Felipe que possui a mesma idade do Lucas T. e Lucas, demonstrou uma hipótese de escrita diferente dos dois, pelo histórico de vida vamos observar que ele possui dez irmãos, com baixa escolaridade toda a família, tendo pouco acesso aos bens culturais, que só encontra os que a escola lhe fornece, podemos observar como o meio influencia o individuo na aquisição de escrita.

7. APRENDIZADOS E DESAFIOS

As crianças são facilmente alfabetizáveis desde que descubram, através de contexto sociais funcionais, que a escrita é um objetivo interessante que merece ser conhecido (como tantos outros objetos da realidade aos quais dedicam seus melhores esforços intelectuais). (Ferreiro,1993, p. 25)

O maior desafio do professor vem a ser tornar o processo de alfabetização algo prazeroso e estimulante para o aluno, para que ocorra de uma forma natural a aquisição da escrita e leitura, fazendo o aluno perceber e valorizar o aprendizado, como uma forma de integração social, percebendo ser ele um ser histórico, com possibilidade de transformar a realidade vivida.

Ser criativo deve ser uma das metas dos professores alfabetizadores, pois contar com materiais prontos como os textos das cartilhas tornam o processo mecânico e pouco reflexivo e sem sentido lógico entre suas frases, esses textos partem do princípio que a criança tem que ser preenchida, fato esse que vai contra a realidade, pois ela pensa, tem experiências de vida, é questionadora um poço de vitalidade e curiosidade, ao instigarmos estes lados teremos crianças sedentas por conhecimento e aprendizado, que poderão buscar estes conhecimentos necessários para seu desenvolvimento.

Como exigir frases diversificadas, textos bem elaborados, uma boa leitura se não fornecermos materiais de qualidade aos alunos, aprendemos por experiências vividas. Esse investimento na alfabetização tem de ser iniciado desde os primeiros contatos da criança com a escola, pois é lá que muitas terão acesso aos bens culturais, na educação infantil investir na leitura, no desenvolvimento artístico, acesso aos textos variados é o que dará ao sujeito experiências concretas de oralidade e escrita.

Os professores das séries iniciais acabam por não ser valorizados, um grande erro, pois é por meio deste processo que a criança se torna capaz de compreender e se comunicar eficientemente, é o primeiro passo em busca de conteúdos mais complexos que terão sentido devido ao processo de alfabetização pelo qual passou.

Devemos nos questionar enquanto profissionais da área da educação sobre como e por que alfabetiza? Qual a qualidade deste processo queremos? Devemos manter esse dualismo educacional, ou procurar modificar esta educação de classes sociais? Assim ficam algumas frases da autora Emilia Ferreiro extraídas de seu livro “Com todas as Letras” para a reflexão da prática docente.

“... se a escola não gera aprendizagem, não pode justificar-se como instituição social” (1993, p.53)

“Alguém que pode colocar no papel suas próprias palavras é alguém que não tem medo de falar em voz alta.” (1993, p. 54)

“A alfabetização pode e deve contribuir para a compreensão, difusão e enriquecimento de nossa própria diversidade, histórica e atual.” (1993, p. 54).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos de alfabetização devemos ter a noção que uma das primeiras coisas que devemos compreender é como a criança vê a escrita. Para ela a escrita é um desenho composto por traços e círculos em uma folha, assim no início ela não escreve, apenas desenha, algo importantíssimo para desenvolver suas habilidades motoras e de familiaridade com o universo da escrita, podemos dizer que ela está ensaiando neste momento.

O acesso que a criança tem aos bens culturais também vão interferir na maneira que ela se relacionará com o mundo acadêmico, a variação de seu léxico e suas perspectivas de mundo, não podemos nos esquecer que o aluno carrega consigo uma aprendizagem de vida, adquirida em sua família e com a comunidade com a qual compartilha seus dias.

Refletindo sobre o que foi dito, o uso da cartilha torna o aprendizado vazio de sentidos, e o professor deixa de fazer seu papel que é auxiliar seu aluno a se desenvolver para pensar e agir em benefício próprio e coletivo.

A consciência de que existem duas modalidades de uma língua e que possuem suas peculiaridades (oral e escrita) é necessário ao professor, pois ajudará na consciência fonológica de seus alunos neste processo de alfabetização.

A sondagem auxiliará o professor a nortear seu trabalho, sabendo como auxiliar seus alunos promovendo problemas a serem solucionados causando o desequilíbrio e a acomodação da aprendizagem. Assim fará seus alunos avançarem no processo de alfabetização tornando eles reflexivos e autônomos.

Para o início da alfabetização torna-se interessante trabalhar com palavras biunívocas, facilitando a compreensão entre sons e letras, trabalhar a fonética, auxiliando os alunos a superarem dificuldades com as letras de concorrência e a dificuldade com as que

possuem mais de um som, levar o aluno a compreender que a escrita é um símbolo, compreender sua grafia e o significado das palavras é função primordial do professor alfabetizador, sabendo respeitar e alavancar o aprendizado das crianças.

A importância da leitura e do contato com os vários gêneros textuais se faz de fundamental importância como forma do início do letramento, o que irá favorecer o desenvolvimento da alfabetização, facilitando o processo para o aluno, pois os textos diversificados terão função social, enquanto que textos como os das cartilhas tornam o aprendizado vazio, sem uma razão de ser subestimando as capacidades cognitivas dos alunos.

Desde o primeiro ciclo é preciso que os alunos leiam diferentes textos que circulem socialmente. A seleção do material de leitura deve ter como critérios: a variedade de gêneros, a possibilidade de o conteúdo interessar, o atendimento aos projetos de estudo e pesquisa das demais áreas, o subsídio aos projetos da própria área. (PCNs de Língua Portuguesa, 2007, p.70)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Ana Rosa, et al. *Alfabetização: livro do professor*. Brasília: FUNDESCOLA/SEF-MEC, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997

FERREIRO, Emilia. *Alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987.

FERREIRO, Emilia. *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1988.

* Atividade realizada na disciplina “Práticas Pedagógicas III”, no 2º semestre de 2011.